



casadesarmento

centro de estudos do património

Núcleo de Documentação Abade de Tagilde | Casa de Sarmento | © Sociedade Martins Sarmento

Casa de Sarmento
Centro de Estudos do Património
Universidade do Minho

Largo Martins Sarmento, 51
4810-241 Guimarães
E-mail: casa.sarmento@csarmento.uminho.pt
URL: www.csarmento.uminho.pt

S. GUALTER DE GUIMARAES

ENSAIO BIOGRÁFICO

(Continuado da página 169, do número anterior)

Em ano desconhecido pois, e dia contestado, deixou o servo de Deus a pátria transitória pelos esplendores da luz imarcessível.

Consolado deveria partir, que, por seus próprios olhos, vira assegurada a obra do mestre. Bragança, Guimarães, Alenquer, Coimbra, Lisboa e Pôrto já tinham dado guarida aos frades menores, seus irmãos. A fundação do convento de Bragança pertencia ao próprio S. Francisco; mas a do de Coimbra e Pôrto, se não era obra sua exclusiva, devia-lhe parte muito importante.

Quanto aos de Alenquer e Lisboa, fruto do trabalho do companheiro e amigo dilectíssimo, chegavam-lhe notícias freqüentes, que o faziam alegrar e enchiam de confiança pelo futuro.

Em troca das notícias que dos conventos do Sul lhe enviava Zacarias, mandava êle as boas novas da proficiência do seu apostolado, pela inscrição de novos companheiros companheiros com que Deus abençoava a nascente família religiosa. E nesta reciprocidade de notícias ia entretendo a velha amizade, iludindo as saúdaes, que a ambos consumiam, de rever o Santo Pai. Na terra jamais o veriam; e isso o sabiam êles muito bem, que as novas da sua morte havia anos lhes tinham vindo de Itália. Era na Pátria perdurável que ansiavam revê-lo.

A Igreja garantira já, com sua autoridade infalível,

que o fidelíssimo Servo do Crucificado descansava verdadeiramente no gôzo do Senhor, e assim em preces se inflamava a alma de Gualter para alcançar de Deus abreviarem-se-lhe os dias da viagem triste, assombrados, de mais a mais, pela desconsolada orfandade.

Chegou finalmente a hora de elas lhe serem atendidas. E purificado, nos jejuns e penitências, das fezes e do ténue pó de imperfeições, que a acuidade da sua visão interior descobria, transformado no amor da Bondade Infinita, pela identificação da sua vontade com a divina, nenhum obstáculo se opunha à emigração definitiva para o seio luminoso de Deus. O vaso fictil adelgaçara-se, tornara-se mais frágil ainda. Agora, na extrema velhice, já o hábito das austeridades convertera a penitência em refrigério do fogo íntimo. O pobre corpo, chupado e mumificado, não sentia os golpes, não registava os jejuns, nem as noites insones, ao desabrigo, pelos bosques. Ao espírito, domador enérgico e absoluto senhor, afluía tudo quanto era vida, naquela natureza transformada. Era o tempo da messe, e o providente Pai de Famílias recolheu misericordioso nos celeiros da glória o trigo em plena maturação.

▼

Imersos na saudade pela ausência do mestre santíssimo, longo tempo o choraram os frades, seus discípulos, e os habitantes de Guimarães, seus devotos.

Desaparecera da terra o homem de Deus, e porque de Deus era, não consentiu Ele que a sua memória se apagasse.

Com a morte de S. Gualter cresceu de ponto e radicou-se firmemente a veneração de que já em vida era objecto.

A fé devota e intensa dos atribulados e necessitados começou a solicitar e alcançar pelos seus méritos uma série interminável de graças prodigiosas. E Deus manifestou-se magnífico com o humilde e doce fradinho.

Quanto mais êle se tinha escondido e sumido em vida na abjecção do próprio conceito, tanto mais o Pai

celeste, que da glória dos Seus servos cura desveladamente, o manifestou e engrandeceu depois da morte.

No primeiro sepulcro, onde jazeu durante anos, os sucessos milagrosos à sua intercessão atribuídos foram muitos, ainda que de nenhum haja memória individuada. Sepultado em coval comum, na terra, pura e simplesmente, «enquanto ela — diz Esperança — o teve dentro de suas entranhas, com a mesma terra que se tirava da cova, sararam muitos enfermos.»

Nestas poucas palavras transmite o incansável cronista a memória que a tradição conservava dos primeiros anos a seguir ao passamento de Gualter.

Mas a era de esplendor e glória, da multiplicidade prodigiosa dos milagres, coligidos ou autenticados em processos — perdidos em seu original, mas felizmente narrados ou registados em obras impressas, — começou depois da sua primeira trasladação e segunda deposição no convento mais tarde fundado junto dos muros exteriores da vila. E assim pôde dizer o citado cronista, fundado em documentação de cuja existência não é possível duvidar, pois muitos são os autores que a atestam: «e depois que seus ossos foram postos em um sepulcro de pedra, bastava tocar neles com um ponteiro de ferro, e logo tocá-lo em os doentes para que estes sarassem.»

«Dêste sepulcro manou, por muitos anos, suavíssimo licor, o qual era saudável medicina».

Atestam o facto desde o velho e primeiro cronista geral da Ordem Franciscana, Fr. Mariano de Florença ⁽¹⁾, até os últimos que do santo companheiro de S. Francisco trataram.

«E entre outros prodígios que obrou, dá saúde aos enfermos com um óleo que de seu sepulcro mana» ⁽²⁾.

Foram vistas chamadas exalarem-se dos sagrados restos, as quais «de noite alumiam a igreja e conven-

⁽¹⁾ Mariano de Florência nasceu pelos anos de 1450, e morreu de peste a 20 de Julho de 1523, como se lê no *Catalogum Pestilentia abreptorum fratrum*: «Mariano di Firenze, scrittore et homo di gran valore morì à peste nel Ceppo di Firenze, 20 iulli 1523.»

⁽²⁾ «et inter alia signa que ficiti, oleum de sepulcro suo emanans infirmis remedia sanitatis confert.

to. Apagando-se também a alâmpada do Santíssimo Sacramento do altar, o noviço que a tinha a seu cargo, meteu nêle ⁽¹⁾ a ponta duma vela a qual se acendeu de repente.»

Mas o que deu grande crédito de milagroso a S. Gualter é o seguinte prodígio, em que foi parte mal-havida o reverendo Cabido da Insigne Colegiada de S.^{ta} Maria da Oliveira.

Aí pelos anos de 1271 — data da primeira e infeliz posse do *hospital da vila* — se deu o maravilhoso caso, assim relatado em verbo abundante pelo nosso guia nestas escavações, P.^e Manuel da Esperança:

«Estes e outros milagres que eram muito contínuos, obrigaram a devoção do reverendo Cabido a intentar um furto nobre das preciosas relíquias, quando os frades passando depressa para o seu hospital, as deixaram no convento. Para isto se ajudou do silêncio da noite entendendo que guardaria segredo. E encomendando o negócio a alguns capitulares, por mais que êles se cansaram, nunca puderam abrir o milagroso sepulcro, que Deus fechou com a chave da sua onipotência. Pelo que trataram de o levar inteiro como estava, mas nem o braço de muitos homens para isso conduzidos, nem a força de muitas juntas de bois, puxando tôdas por cordas, foi bastante para lhe dar um abalo: e assim se recolheram desenganados os cônegos. No dia seguinte, que se divulgou o caso, acudiram os frades mais solícitos, do que dantes cuidadosos, e como o Santo não queria deixar a sua pobreza pelas riquezas da real Colegiada, no mesmo ponto que lhe puseram a mão, por outro milagre novo, o levantaram e trouxeram a seus ombros. Foi visto êste milagre, como também o advertiu frei Artur, no fim do ano de 1271...» Este prodígio devia ter sido muito falado, atendida a alta qualidade dos que lhe sofreram o peso.

Aqui jazeram, largos anos, acaso para cima de três séculos, os venerandos restos do insigne servo de Deus, sempre venerado pela devoção popular; e sua festa enriquecida com graças e privilégios concedidos pela autoridade do Sumo Pontífice Romano.

⁽¹⁾ No sepulcro.

Dêste primeiro sepulcro foi trasladado, em data inaveriguável, contudo muito provavelmente nos fins do século XVI, para outro mais suntuoso, e ao ser retirado manifestou o povo a sua ardente devoção de modo, que bem prova quam viva se conservava sempre a fé no seu valimento: «As pedras dêste primeiro sepulcro... tôdas sem escapar, senão uma, se partiram em pedaços, com os quais trazidos ao pescoço melhoravam na saúde os enfiêrmos» ⁽¹⁾.

Por ocasião desta segunda trasladação parece terem sido singularmente numerosos e repetidos os prodígios. E *«muitos dêles se provaram em dous processos por autoridade pública, nos anos de 1621 e 1625, no qual tempo succederam»*.

Pena é que dêstes processos nada reste, excepto a simples mensão, feita pelos cronistas, que, em muitos casos, cingiram-se a copiar o que encontraram escrito, em trabalhos, onde sobra o asserto e falta o documento.

Ou se algo resta, onde pára?

Tudo se perdeu irremediavelmente, já por lei fatal, que faz do tempo o devorador de quanto no tempo se produz; já por cataclismos de toda a espécie, avultando monstruosamente o que, em 1832, varreu de Portugal as Ordens Religiosas, destruindo, com perda irreparável, os arquivos conventuais. Pouco, e êsse pouco em estado fragmentário, incompleto e absurdo, pôde salvar-se.

E neste ponto julgamos oportuno produzir um documento que reputamos importantíssimo e decisivo como monumento de autenticidade no culto do nosso santo.

Trata-se duma concessão de Filipe III, pela qual êste rei concede que em Guimarães se celebre a procissão de S. Gualter «com a mesma solenidade e festas com que se faziam as mais procissões da obrigação dela» ⁽²⁾.

E' do teor seguinte, como se lê no **Livro dos officios e padrões e merces** ou **Livro das Chancellarias de D. Filipe III, livro 38 fol. 296**, verb.

⁽¹⁾ P. Esperança.

⁽²⁾ Da câmara.

Camara de Guim., conservado na Torre do Tombo, onde o fomos descobrir:

(Os Relig.
do mosteiro de
Sam fr.^{co})

«Eu el Rey faço saber aos que este Alvara virem «que havendo respeito ao q. os Religiosos do mosteiro de sam fr.^{co} da villa de Guimarães e os officiaes e mordomos da Confraria de sam Gualter «situada no dito mosteiro me enviarão dizer por «sua pittição que o dito santo foy hu dos discipulos «do glorioso são fr.^{co} e por seu mandado veyo a «este Reyno em companhia de sam Zacharyas e de «outros por fundadores da Religião franciscana E «viueu na dita villa com vida muy exemplar e depois «de sua morte manou muitos anos de seu sepulchro «hu licor suavissimo com que sararão muitos enfermos cujas reliquias estão em muita veneração em «hu sepulchro e altar que esta no dito mostr.^o por «cujos merecimentos nosso sñr obrava muitos milagres em pessoas que visitão o sepulchro do dito «santo e se lauão em hua fonte chamada do seu nome onde o santo fez sua abitação ante q. se fizesse «o dito mostr.^o em cuja memoria se fazia todos os «annos hua procissão assistindo nella os vereadores «da dita villa e mais pouuo com muita festa e juntamente os pouuos vizinhos se ajuntauão nella, e «pello descurso do tempo ficou en esquicimento solenizar-se a festa do dito santo e para que ficasse «sua memoria perduravel pois era padroeiro da dita «villa e nosso sñr por sua intrecessão fazia tantos «milagres, Me pedião mandasse que a dita procissão «se renouasse assistindo pessoalmente nella os vereadores e officiaes da Camara como nas mais da villa, «e visto seu requerimento e a informação que mandey tomar pello L.^{do} Xtovão godinho C.^{or} da comarca da dita villa de guimaraes em que ouuio os «officios da Camara della e seu parecer pello qual «consta o que acima se relata Ey por bem e me «praz que a dita prossição se renoue cada anno no «dia da festa do dito santo e assistão pessoalmente «nella os officiaes da camara da dita villa e se fação «com a mesma solenidade e festas com que se fazem «as mais prossições da obrigação della e ira pelas «ruas que a cam.^{ra} ordenar com declaração que o «guasto da dita prossição sera o que se faz com as «procissões de obrigação da dita camara não sendo «a do Corpo de Des e mando ao dito corregedor e «officiaes e mais justicas que ora são e ao diante forem na dita villa que fação ordenar cada anno a «dita procissão na forma declarada neste aluara e «assistão pessoalmente nella como nas mais da obrigação da Camara e cumprão e fação inteiramente «cumprir e guardar como se neste contem o qual se

«registara no l.^o da Camara da dita villa de guima-
 «rais e o proprio se pora no cartorio della en toda
 «a boa guarda e me praz que valha tendo força e
 «vigor como se fosse cartta en meu nome e por mym
 «assinada sen embargo de ordenação ett. Miguel de
 «Azevedo o fez in Lx.^a a vinte de Jan.^{ro} de mil e
 «seys centos e vinte e dous João P.^{ra} de Castello-
 «branco o fez escrever.

«Consertado
 «S.^{va}

Consertado
 Maldonado

Ninguém, que conheça a índole da colecção don-
 de, por primeira vez, foi extraído o documento citado,
 negará a grande importância que como documento
 official de indubitável autenticidade se lhe pode atribuir.

Pelas palavras *«visto o requerimento e informação
 que mandey tomar pello L.^{do} godinho C.^{or} (corregedor)
 da comarca da dita villa»* etc., e pela data do alvará,
 se vê que este foi concedido em vista dum dos *«pro-
 cessos por autoridade publica»* formados, com certeza
 o de 1621, de que nos fala a *Historia Serafica*.

Revestiam estes processos tôdas as notas de serie-
 dade e fidedignidade possíveis; porquanto havendo de
 ter como resultante uma concessão de tal importância,
 necessariamente, procurariam os autores da súplica ser
 minuciosos e fundados nas razões que apresentavam.

A súplica de concessão das festas solenes e procis-
 são, foi atendida e favoravelmente despachada, mas em
 face do exame e boa informação do corregedor Licen-
 ciado Godinho que não se abalançaria a informar sem
 ouvir principalmente as autoridades ecclesiásticas, por-
 que, doutra sorte, não deixariam estas de intervir e,
 no caso de ser abusiva e anticanónica a concessão, de
 opor-se a ela.

Podemos portanto considerar este documento co-
 mo prova autêntica e confirmação autorizada do culto
 público, que a S. Gualter tem sido tributado desde
 tempos imemoriais, atendendo a que nêle se atesta:
*«em cuja memoria se fasia todos os annos hua procis-
 são»*, acrescentando que *«pello descurso do tempo ficou
 en esquecimento solenizar-se a festa do dito santo»*;
 expressões estas demonstrativas de que forçosamente
 grande deveria ser esse espaço de tempo para que tôda

uma população deixasse ficar em esquecimento um
 facto de si tam impróprio a ser esquecido, como é
 uma comemoração pública festiva.

Além deste documento, que se pôde ainda encon-
 trar, outros existiram e talvez existam mas perdidos,
 que nos mostrem quam popularizado chegou a ser o
 culto público ao companheiro de S. Francisco. E neste
 sentido atesta o P.^e M. Esperança: *«Outros — prodí-
 gios e milagres — ficaram escritos em memórias parti-
 culares, um dos quais o Arcipreste Baltasar de Meira
 tinha em grande estima. E dêles testemunhavam tam-
 bém as mortalthas, muletas, pernas e braços de madeira,
 com outras muitas insignias, penduradas pelo corpo
 da igreja»*.

E agora abre o P.^e Esperança uma resenha de
 milagres, provavelmente tirados dos *«processos públi-
 cos»* e *«memórias particulares»*, na qual cataloga os
 seguintes:

Com a água da Fonte Santa «foram sãos nove to-
 lhidos e aleijados: dous enfermos de chagas incuráveis:
 um que tinha o braço apostemado: dous de inchaços
 disformes: sete de tumores e lobinhos na bôca e nas
 ventas e nas lagrimais dos olhos: uma mulher com a
 mão semeada de verrugas: e um homem quasi cego».

«Diante de seu sepulcro» tiveram saúde: «dous
 asmáticos; uma surda; quatro cegos; um mancebo que
 não via por razão duma belida; uma moça derreada,
 que andava de gatinhas; uma mulher tolhida em todo
 o corpo, e outra de ambas as mãos aleijada; mais um
 menino de dous anos que nascera com os pés pegados
 às costas e com as mãos retorcidas e fechadas, dentro
 das quais criava bichos».

Estes prodígios são enumerados sumariamente, ou
 porque assim o eram também nos processos e memó-
 rias, ou porque dêles só havia a tradição perpetuada
 nos *ex-votos* que guarneciam as paredes do templo.

De um, porém, dá-se mais circunstanciada relação,
 na seguinte dramática forma: «Outro — menino — de
 oito anos, o qual era paralítico, trouxe sua mãe de
 Braga metido numa canastra, e fazendo uma novena
 disse com angústia de alma: *Glorioso são Quaiter, ou
 me dai saúde a este filho, ou lhe dai logo a morte, pois
 sabeis que por minha pobreza o não posso sustentar»*.

E foi atendida; porquanto logo ali «o menino saltou fora da canastra».

Segue-se na lista ainda mais um menino que era quebrado e seria de três anos; seu pai o lavou algumas vezes na fonte santa, sem contudo ser atendido. Queria S. Gualter experimentá-lo em sua fé e constância; queria Deus tornar mais notório o prodígio da cura, para maior crédito de seu servo. Por isso, «um dia que êle — menino — chorava muito, disse — o pai — com impaciência: *Ou morto ou são te hei-de levar daqui*. Mas compadecido o trouxe ao sepulcro com que se soldou logo a quebradura».

Estes, e alguns que omitimos, são os milagres obrados perante as Relíquias do Santo.

Advertem, porém, os cronistas que «também os ausentes, que recorriam a êle logravam boa ventura por sua intercessão». E citam:

«*Dous paralíticos*, um dos quais não dava sôpro que pudesse apagar uma candeia, ficaram sãos em beijando a sua santa imagem, *que estava pintada no alpendre da igreja*». ⁽¹⁾

«*Dois aleijados, três enfermos* desconfiados dos médicos, *outro* julgado por morto, os quais todos lhe vieram *oferecer as muletas e as mortalias*».

Mais *dois doentes* de mal não determinado, a quem o Santo taumaturgo curou, e ainda aos filhos «que lhes ficaram em casa», dos quais «um asmático e outro semelhante a leproso».

Tantas maravilhas iam tornando Gualter sempre mais famoso, e seu culto espalhava-se cada vez mais ao longe.

Fecha a série de milagres um facto maravilhoso, que os contemporâneos atribuíram à protecção de Gualter.

Estamos no ano de 1620, por ocasião de «*umas solenes festas públicas com que a Vila quis gratificar estas maravilhas*».

«Indo a Viana um religioso nosso — escreve a crónica de *Provincia de Portugal* — procurar algumas coisas, que se haviam mister, encontrou a galera do

sereníssimo Duque de Bragança D. Teodósio 2.º, que andava em guarda daquela costa. Chegou a bordo para pedir uma esmola de pólvora, e abrindo o dispendeiro para lha dar o paíol, que já nesse dia não houvera de abrir sem esta ocasião, achou um morrão aceso entre os barris e frascos, o qual se fôra ardendo tudo havia de abrasar.» Sem dúvida que era esta pólvora para o «fogo de artifício» das ditas solenes festas gratulatórias, nem doutra maneira houveram entendido, como «entenderam o capitão e soldados que por respeito do Santo os preservava Deus de miserável incendio», nem lhe houveram rendido, como «renderam muitas graças, oferecendo também no seu sepulcro a galeota pintada num painel».

Continua).

T. G.

⁽¹⁾ Sublinhamos esta passagem, advertindo que nem alpendre nem imagem existem hoje.